

centro de estudos teatrais
grupo divulgação - fafile

federico
GARCIA
LOBRCA

bodas
de
sangue

Confecção
EDITORA "LAR CATÓLICO"
Fone 3842 - Juiz de Fora - Minas

Federico García

LORCA

*Quero dormir um pouco;
um pouco, um minuto, um século.
Porém, que todos saibam que estou vivo.
Que há cavalos dourados nos meus lábios;
que sou o pequeno amigo do Vento do Oeste;
que sou a sombra imensa de minhas lágrimas.*

(Trad. de Renata Pallottini.)

Lorca,

segundo Cecília Meireles

Há muitas coisas que enternecem em García Lorca: sua durável infância, que lhe deu aquela alegria persuasiva, celebrada pelos que o conheceram; seu gosto tradicional entranhado em cada poema, conservado em motivos líricos, em ritmos, em figuras orientais e castiças, e alçado até às claras fontes galegas; seu encanto pela graça popular, que procurou salvar em formas gloriosas de poesia e teatro, desde as páginas de seus cancioneros, aos repertórios de "La Barraca"; e seu atento classicismo que está sempre imortalizado em sóbrias imagens, movimentos e luzes do cenário espanhol.

Assim não seria preciso que o sacrificassem bárbaramente para sua grandeza. E deve-se ter a delicadeza de não amesquinhar a memória do poeta, e suas virtudes literárias fazendo do seu fuzilamento razão de ser uma das homenagens que se lhe dirigem como a uma espécie de mera vítima política. Aliás, ao meditar sobre sua trágica morte, convém considerar nas palavras de Guillermo de Torre, seu amigo e seu biógrafo:

"Federico no habia tenido jamais la menor relación activa con la política. Incluso, podemos afirmarlo, era perfectamente ajeno a la utilización que de su nombre y de su obra hubieron hecho las banderías políticas en ciertas ocasiones, por ejemplo, cuando el estreno de "Yerma". Que sus amistades próximas, que los medios en que se movía eran notadamente liberales, republicanos, tal vez avanzados? — alegarán algunos queriendo buscar alguna remota concomitancia política al crimen. Pero acaso esos medios — contrareplicaremos — no eran los naturales y privativos de todo lo que en España significaba inteligencia?"

Por isso mesmo é que, se sua morte nada acrescenta e em nada deve influir para o julgamento de sua obra, — também não pode deixar de lhe conferir uma auréola de inocência martirizada que é outro motivo de ternura entristecida para quando pensarmos no seu rosto.

Constrange-se nosso coração quando, sob a última linha de BODAS DE SANGUE, corre o nome de Federico García Lorca. É o nome do autor assassinando sua peça, e é o nome do homem risonho carregado de imagens líricas e caído sem seus amigos, sem argumentos e sem explicações, no prado de um cemitério, com seu coração traspassado por uma bala bem menor do que qualquer faquinha...

E pensarmos em seu grito que não pudemos ouvir nem socorrer, em seu grito de menino assassinado que nunca mais esqueceremos e de que falaremos sempre aos que vierem depois, como exemplo sombrio destes tempos bárbaros.

o homem

“Federico García Lorca é um rapaz que escreve versos. Versos admiráveis que surgem naturais e perfeitos com a mesma espontaneidade com que fala, move-se e ri. Ri quase constantemente, com um riso são, satisfeito, campesino. O mesmo rosto luminoso que foi divulgado em suas fotografias, a fronte alta, o sorriso descobrindo dentes brancos e fortes; assim é este rapaz que fala das coisas mais sérias, inclusive de sua própria obra, sem dar importância a nada. É um escritor — raro exemplo — não apenas simples e modesto mas sobretudo despreocupado, jovial, que se quer divertir, gozar a vida. É um rapaz que faz versos porque os dita, espontâneos, seu talento.”

García Lorca foi, principalmente um homem extraordinário, brilhante, ativo, comunicativo. Para ele, “viver é conviver”, tornou-se a máxima suprema, o sentido mesmo da vida. Sua personalidade vibrante, seu espírito alegre, seu desenfreado amor à vida provocou em Jorge Guillén, seu amigo e biógrafo, a afirmação: “Junto ao poeta, e não só em sua poesia, respirava-se a aura que ele iluminava com sua luz própria. Então, não fazia frio de inverno, nem calor de verão. Fazia . . . Federico.”

O otimismo e a alegria eram constantes em suas reações:

— “Sempre estou alegre. Tive uma infância muito larga e desta infância prolongada ficou-me esta alegria, meu otimismo inesgotável.”

A infância estava viva no homem e no poeta. Uma infância amadurecida, cristalizada na mais profunda poesia e numa condição de eterno crescimento. Seu amor aos “niños” fazia com que lhes dedicasse poemas, histórias, espetáculos de fantoches e marionetes, e fizesse longas viagens para vê-los.

Conta-se que, quando da leitura de “Llanto por Ignacio Sanchez Mejías”, tiveram os amigos que esperar a chegada do menino Cláudio Guillén para que esta fôsse iniciada.

Do amor à infância ficou-lhe ainda o amor aos jogos: os jogos de palavras que tanto enriqueceram sua obra poética e os jogos dramáticos que deram força a sua obra teatral. Em “Bodas de Sangue”, seus personagens vivem no primeiro ato um verdadeiro “quatro cantos” que se entrelaçam e entrechocam no segundo, decidindo-se a partida no último ato, sem vencedores senão a morte — eterna vitoriosa na obra de Lorca.

Do sentimento da infância, o amor à vida surge natural, pleno e simples: “A mim, o único que interessa é divertir-me, sair, conversar largas horas com os amigos, andar com garôtas. Tudo que seja desfrutar a vida, ampla, plena, juvenil, bem entendida.”

E este homem despreocupado é o mesmo artista consciente e racional que cria seus poemas depois de sangrar os transportes líricos filtrando-os em autêntica poesia.

— “Amo a voz humana. A simples voz humana, empobrecida pelo amor, desligada das coisas “que matam”. A voz deve desligar-se da harmonia das coisas e do concôrto da natureza para fluir sua própria nota. Há que se cerrar as portas por onde ela escapa para os ouvidos baixos, as línguas desatadas. Há que se encerrar com ela. E ali, deixar soar a voz divina e pobre do surtidor. Se digo voz, quero dizer poema. O poema que não está vestido não é poema, como o mármore que não está trabalhado não é estátua.”

García Lorca é o artesão caprichoso de suas obras:

— “O poeta que vai fazer um poema, o sei por experiência própria, tem a impressão vaga de que vai a uma caça noturna num bosque longínquo. Há que se sair. E este é o momento perigoso para o poeta. O poeta deve levar um plano dos sítios a percorrer e deve estar sereno diante das belezas e das fealdades disfarçadas em beleza que não de passar diante de seus olhos. Momento perigoso, se o poeta se entrega, porque se o fizer não poderá nunca levantar sua obra, nem ser mestre de alta emoção e ritmo. Há, às vezes, que se dar grandes gritos na solidão poética para afugentar os maus espíritos fáceis que querem levar-nos aos chavões populares sem sentido estético nem beleza.”

Desta inquietação artística brotava muitas vezes o grito de sofrimento: “Sou um pecador. Destrocei, muitas vezes, momentos divinos de poesia por não sofrer o calor que me davam as mãos. Sem dúvida, creio que todos nós pecamos. Todavia, ainda não foi feito o poema que atravesse o coração como uma espada.” Este poema, perguntamo-nos, não será porventura “El sangre derramado” de “Llanto por Ignacio Sanchez Mejías”?

O poeta angustiado é o homem angustiado das ruas de Nova Iorque, é o cantor dos negros escorraçados: “Eu queria fazer um poema da Raça Negra na América do Norte e sublimar a dor que têm os negros por serem negros em um mundo hostil. . . Sem embargo, o verdadeiramente selvagem em Nova Iorque não é o Harlem. Há calor humano e gritos infantis, há lares e ervas, há dor que tem consôlo e ferida que tem doce bandagem.”

Ele é o homem atônito diante da sociedade mecanizada, é o camponês perdido no meio do asfalto e dos grandes edifícios de concreto: “Wall Street. . . Impressionante pelo frio e pelo cruel. . . Chega o ouro pelos rios, de tôdas as partes da terra e a morte chega com ele. Em nenhuma parte do mundo sente-se como ali, há ausência total de espírito, manadas de homens que não podem

passar dos seis; deprecio a ciência pura e o valor demoníaco do presente. Espetáculo de suicidas, de gente histérica e grupos desmaiados. Espetáculo terrível, mas sem grandeza. Horrível. Ninguém pode ter uma idéia da solidão que sente ali um espanhol, e mais, todavia, um homem do Sul. Porque se caíres, por exemplo, serás atropelado, e se resvalares na água, jogam sobre ti os papéis de suas merendas. Estas são as gentes de Nova Iorque, as multidões que se apóiam sobre as grades dos embarcadores.

Federico García Lorca foi o poeta-síntese do povo espanhol, é o homem universal: "Sou espanhol integral e me seria impossível viver fora de meus limites geográficos; mas odeio o que é espanhol apenas por ser espanhol, nada mais. Sou irmão de todos e execro o homem que se sacrifica por uma idéia nacionalista pelo simples fato de que ama sua pátria com vendas nos olhos. O bom está mais perto de mim do que o mau. Canto a Espanha e a sinto até à medula, mas antes disto sou homem do mundo e irmão de todos. Logo, não creio em fronteira política."

Federico García Lorca, foi, finalmente o homem e o artista conjugados numa mesma missão superior: "Eu sempre serei partidário dos que, nada têm, e a quem até a tranqüilidade do nada é negada. Nós, refiro-me aos homens de significação intelectual e educados em ambientes médios das classes que podemos chamar de acomodadas, estamos chamados ao sacrifício. Aceitemo-lo. No mundo já não lutam forças humanas, mas telúricas."

Por este amor ao homem universal, Federico García Lorca, o mais apolítico de todos os brilhantes representantes da geração de 98, foi assassinado a 19 de agosto de 1936, durante a Guerra Civil Espanhola.

Lorca e o teatro

O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barômetro que marca sua grandeza ou decadência. Um teatro sensível e bem orientado em tôdas as suas ramificações, da tragédia ao vaudeville, pode mudar em poucos anos a sensibilidade do povo; e um teatro destruído, em que os cascos substituem as asas pode vulgarizar e adormecer uma nação inteira.

Um povo que não ajuda e não fomenta seu teatro, se não está morto está moribundo; como o teatro que não recolhe a pulsação social, a pulsação histórica, o drama de suas gentes e a côr genuína de sua paisagem e de seu espírito, com riso ou com lágrimas, não tem direito a chamar-se teatro, mas sala de diversão ou lugar onde se faz esta horrível coisa que se chama "matar o tempo". Não me refiro a ninguém nem quero ferir a ninguém; não falo da realidade viva, mas do problema proposto sem solução.

O teatro deve impor-se ao público e não o público ao teatro.

Ao público se pode ensinar — conste que digo público, não povo —; se lhe pode ensinar, porque eu vi patear a Debussy e a Ravel, há dois anos, e assisti depois às clamorosas ovações com que um público popular saudava as obras antes rechaçadas. Estes autores foram impostos por um alto critério de autoridade, superior ao do público em geral, como Wedekind na Alemanha e Pirandello na Itália, e tantos outros.

Digam o que quiserem, o teatro não decai. O absurdo e o decadente estão em sua organização. Que um senhor, pelo mero fato de dispor de alguns milhões, se erija em censor de obras e definidor do teatro, é intolerável e vergonhoso. É uma tirania que, como tôdas, só conduz ao desastre.

Isso de decadência do teatro me parece uma estupidez. Há milhões de homens que nunca viram teatro. E como sabem vê-lo quando o vêem! Eu presenciei em Alicante como todo um povoado ficava em suspenso durante uma representação do clímax do teatro católico espanhol: A VIDA É SONHO. Não se diga que não sentiam. Para entendê-lo, as luzes tôdas da teologia são necessárias. Mas para sentir, o teatro é o mesmo para a dama refinada como para a criada. Não equivocava Molière ao ler suas coisas para a cozinheira. Claro que há gente irremissivelmente perdida para o teatro. Naturalmente, são aqueles que "têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem".

Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro.

(In: *García Lorca, Federico — Obras Completas — Madrid, Aguilar, 1954, págs. 33-36. Conferências.*)

casa zappa ltda.

cumprimenta o CET

pela iniciativa de

BODAS DE SANGUE



presentes finos, jóias,

relógios e novidades

halfeld, 799

schmidt & cia. ltda.

imprimiu o cartaz de

BODAS DE SANGUE

Bodas de Sangue

“Bodas de Sangue” situa-se na obra de García Lorca como a primeira componente da série de tragédias que, segundo o autor, viria a compor a primeira trigologia trágica da Espanha. Constitui-se numa trama de “amôres truncados onde o poeta reúne todos os seus talentos: o poético, o dramático, o de conhecedor da alma rural espanhola em sua concentrada paixão e a de clássico à maneira grega — tudo isso equilibrado com tanta maestria, que a peça resulta harmoniosa nesse conjunto de contraditórios dons.”

O drama alimenta-se no fio tradicional de luta entre Amor e Morte. Cada personagem encontra-se apaixonada da raiz dos cabelos à planta dos pés. Amor e Morte seguem abraçados até pelos caminhos das coisas naturais.

O primeiro ato é cinzento como as nuvens opacas de um céu que anuncia tempestade próxima a desabar. O sol abrasador e o pressentimento da tragédia oprimem as personagens que se movimentam pesadas e fatídicas. As raízes estão lançadas, e o caminho determinado, não há como se fugir à “sina”. Há um determinismo em cada palavra, em cada gesto.

A ação cresce rodopiante e apaixonada como uma dança flamenga no segundo ato, e a alegria do matrimônio, o hino de glória das bodas é turvado pela angústia desta Mãe sempre prêsa a seus mortos e já sentindo o odor de eternidade no último filho que lhe resta, ou desta Noiva abrasada prêsa a dois amôres, amarrada a um compromisso e impulsionada pelo poltro bravio que traz dentro de si. Águas e juncos prendem-na e finalmente estraçalham-se num gesto de libertação e opção final.

O terceiro ato transcende a esfera do real, e ali, o poeta cresce no dramaturgo atingindo uma atmosfera próxima ao surrealismo. É a “Zona da Morte” com seus fantasmas estarrecedores e apaixonantes. “É paixão a fala da Lua ao Sangue, em seu sonho de sentir-se colorida e aquecida por êle, depois de se refletir em frios cristais e afogar-se em duros lagos. E êsse Sangue da Morte dos homens não é vida e amor para o esplendor lunar, exatamente como, no tumulto geral e contraditório do universo do Bem e o Mal, entrelaçados, acordam e desaparecem em harmonias ilógicas?”

Passada a tempestade, surgem as “parcas” que narram o destino tecido em suas malhas, e o céu, ainda cinzento não é mais ameaçador, é a atmosfera já conhecida e já vivida mil vezes por esta Mãe abraçada a suas sombras, esta Mãe em que a dureza esvai-se lentamente para se transformar em Amor: “imenso amor sem limites humanos, disperso pela terra, pelo Céu, abençoando chão, ares, divindades...” Esta mãe cuja última mensagem é a “pomba de marfim enviando camélias de geada” ao “leito de terra, cama que os abriga e os embala pelo céu”. Esta mãe que atinge “as carnes assombradas” lá no sítio onde “emaranhada treme a escura raiz do grito”.

importex
artigos finos
para presentes

livraria viviani ltda.
livraria e papelaria
gal. pio x, 71/75
tel. 3957 — jf

delmonte

marechal deodoro, 388
rio branco, 2167

a música

A música do espetáculo é de Sueli Costa, compositora já premiada quando da elaboração da trilha sonora de “Cancioneiro de Lampião”, de Nertan Macêdo, para o Grupo Divulgação. Possuindo composições gravadas por Nara Leão e Grupo Manifesto, Sueli vem se projetando rapidamente nos meios musicais do país, tendo sido, recentemente vencedora do Festival de Música Popular Brasileira de Juiz de Fora, em sua fase municipal, obtendo a quarta colocação na fase nacional do mesmo Festival.

Ao selecionar “Bodas de Sangue” como sua próxima apresentação, um dilema apresentou-se ao Grupo Divulgação: usar ou não a música original de García Lorca. Após estudar as considerações necessárias chegou-se à conclusão de que deveria ser feita uma aproximação do elemento gitano às condições brasileiras ou ainda, juiz-foranas, para que se conseguisse mais ampla transmissão da mensagem. Todavia, seria necessário que esta transposição não representasse uma perda para o espetáculo.

O talento de Sueli Costa foi então requisitado. Seu profundo conhecimento harmônico e seu espírito de pesquisa seriam os elementos que, unidos à agudeza de sua sensibilidade artística, poderiam responder pela difícil tarefa de traduzir musicalmente a mensagem de Lorca.

E Sueli realizou a tarefa.

Em “Nana del caballo herido” a melodia capta perfeitamente o pressentimento, a predição, o sentimento da desgraça sugerido pelo texto. Há ternura e amargura na linha melódica.

Na “Copla de la Criada” a música transmite toda a vivacidade simples da personagem, que, integrada na árida vida rural procura transmitir através da boda seu sentimento da vida. É uma roda de alegria e paixão.

“Ao sair de Casa...” capta a melancolia e o tom gitano que envolvem na tristeza de uma tragédia que caminha irremediavelmente.

“Meada, Meada” tem a leveza do fio que tece as duras malhas do destino humano. Enrosca-se, estende-se e volta ao ponto de início com a rotina trágica da eterna pugna Amor e Morte em que se debatem os homens.

Finalmente, a melodia sacra entrelaçada à canção de ninar trazem a mensagem eterna do mundo, morte e nascimento, início e fim, abraçam-se ensurdecendo a “raiz do grito” numa presença de vida e humanidade.

artigos finos para presentes
discos nacionais e importados
o sucesso chega primeiro na

presentex

halfeld, 652

dental mineira

halfeld, 698

lanche restaurante bidu

especialidade em frango assado
pernil, leitoa e lanches em geral
getúlio vargas, 894

a montagem

José Luiz Ribeiro é o diretor. Possuindo considerável experiência teatral, ainda que autodidata devido à falta de maiores condições em nossa cidade, José Luiz é um estudioso e um pesquisador do teatro. Autor de "Sinfonia de uma Favela", "Canção para uma princesa" e "A Revolução dos Espantalhos", dedica-se ainda à pintura, possuindo uma técnica especial de composição de "slides" que muito tem valorizado seus espetáculos.

José Luiz Ribeiro é fundador do Centro de Estudos Teatrais, seu Coordenador-Geral e incentivador entusiasta do teatro entre os secundaristas de Juiz de Fora.

Em árdua batalha que vem travando em prol da união dos grupos teatrais de Juiz de Fora, participou como ator do espetáculo Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles, realizado pelo Teatro Universitário de Juiz de Fora, tendo dirigido para o mesmo grupo a segunda montagem de "O Coronel de Macambira" de Joaquim Cardoso, em lançamento nacional da peça, levando-o ao Teatro da PUC no Rio de Janeiro e no Teatro Municipal de Niterói e recebendo, na oportunidade, elogios e incentivos da crítica teatral.

Tendo sido premiado recentemente pelo figurino de "O Cancioneiro de Lampião", de Nertan Macêdo, também laureado como "melhor espetáculo de 67", José Luiz realiza, além da direção de "Bodas de Sangue", a criação de seus cenários e figurinos.

São grandes as dificuldades cênicas de "Bodas de Sangue" em que o autor pede um vasto número de cenários. Buscando a funcionalidade e procurando adaptar a peça à realidade que vivemos, José Luiz encontrou, na simplicidade e sobriedade, as condições básicas à ambiência do texto.

Os cenários e os figurinos sugerem e fica à imaginação do espectador a composição da atmosfera própria. A ausência de mobiliário auxilia a sugestão.

Na cena da floresta, o ambiente cênico acompanha o texto em sua essência sobrenatural e densa. Na cena final, êle é despojado e gélido como a própria morte que insinua.

Mais uma vez, em "Bodas de Sangue" faz-se presente o pesquisador, cômico da missão experimental do teatro estudantil. José Luiz não quer ensinar como se faz teatro; procurando aprender, mostra o teatro que se faz em Juiz de Fora.

paucicéa

roupas: getúlio vargas, 434

calçados: batista de oliveira, 492

nelson importações ltda.

perfumes franceses

marechal deodoro, 128

transporte liderminas ltda.

telefones —

belo horizonte 24.51.25

são paulo 92.20.33

rio de janeiro 43.55.43

juiz de fora 1967

o grupo

O grupo "Divulgação" é órgão oficial do Centro de Estudos Teatrais.

Iniciando suas atividades através de um trabalho interno de fundamentação cultural, realizou durante todo o primeiro semestre de 1966, leituras de importantes textos teatrais como: "Pequenos Burgueses", de Gorki; "Yerma", "Dona Rosita, a Solteira", "Bodas de Sangue" e "A casa de Bernarda Alba", de García Lorca; "O Pagador de Promessas", de Dias Gomes; "O Living-Room", de Graham Greene; "Pedreira das Almas", "O Telescópio" e "Vereda da Salvação", de Jorge de Andrade; "Calígula", de Camus; "Não Consultes o Médico" e "Lições de Botânica", de Machado de Assis; "O patinho torto", de Coelho Netto, além de um estudo da obra poética de Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Thiago de Mello e o poema de Rainer Maria Rilke "A canção de Amor e Morte do Porta-Estandarte Cristóvão Rilke".

Dêste trabalho de base, partiu-se para a primeira apresentação pública com a realização em julho de 66 do espetáculo antológico "Amor em Verso e Canção". Em agosto do mesmo ano, durante a II.ª Semana Juiz-forana de Folclore, foi realizado um trabalho de pesquisa com o Estudo Dramático da Filosofia Popular contida no poema de João Cabral de Mello Netto, "Morte e Vida Severina".

Montagem enfeitando a obra de Carlos Drummond de Andrade: "O Homem do Século XX" foi apresentada neste mesmo ano em Taboleiro e nesta cidade, durante a Semana de Literatura Brasileira.

Participando do Festival de Arte da UFJF, classificou-se, em primeiro lugar no setor Declamação, categoria Grupos, com o poema de Cassiano Ricardo "Os sapos", tendo recebido, na ocasião, o troféu alusivo.

O ano de 1967 iniciou-se por um estudo da Tragédia Grega e posterior leitura de "Electra" e "Antígone", de Sófocles.

Em agosto dêste mesmo ano, a apresentação dramática do poema de Nertan Macêdo, "Cancioneiro de Lampião", durante a III.ª Semana Juiz-forana do Folclore e posterior temporada normal trouxe ao Grupo cinco prêmios conferidos pelo CAIT.

Em outubro de 67 foi apresentado nos salões da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, durante a Semana da Economia e posteriormente em temporada normal: "Antologia da Mulher e O Urso". O espetáculo reunia em sua primeira parte textos de Salomão, Sófocles, Brecht, Lorca, Carlos Drummond e Jorge de Andrade, e em sua segunda parte 1 comédia de Tchekhov.

Em novembro de 1967, iniciaram-se os estudos preparatórios e leitura da peça "Bodas de Sangue", de Federico García Lorca para a próxima apresentação. Estes estudos de fundamentação cultural englobaram todo o universo lorquiano e culminaram com palestras proferidas pelos próprios elementos do grupo, na FAFILE, durante a primeira quinzena de junho de 68.

Além dêste trabalho, o Grupo Divulgação tem procurado agir junto aos estabelecimentos secundários, promovendo um incentivo às atividades teatrais dos estudantes, através de auxílio positivo que resultou na encenação de "Canção para uma princesa", pelo Ginásio João XXIII, e "A Gata Borracheira" de Maria Clara Machado, pelo Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo.


ELETRÔNICA PARA O LAR

halfeld, 399

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO — FAFILE

apresenta

Bodas de Sangue

de

Federico García Lorca

<i>mãe</i>	maria lúcia c. rocha
<i>noiva</i>	rosângela bicalho
<i>sogra</i>	stela lírio reis
<i>mulher de leonardo</i>	lisieux costa
<i>a criada</i>	maria helena fialho
<i>vizinha</i>	léa clifford
<i>rapariga</i>	nelma sandra
<i>menina</i>	zaine salomão
<i>leonardo</i>	moacyr do carmo
<i>o noivo</i>	sérgio roberto
<i>o pai da noiva</i>	antônio augusto
<i>a lua</i>	beatriz martins
<i>a morte</i>	j. ribeiro
<i>rapazes e lenhadores</i>	roberto lessa, roberto pedreira, antônio guedes, paulo César, carlos alberto, jacinto melquiade.
<i>raparigas e vizinhas</i>	maria das graças, beatriz, léa, fátima, aparecida, nelma sandra, zaine, estela, rita luz, telma costa, euzenita e edna
<i>adereços</i>	manoel querino
<i>cenotécnica</i>	dirceu de campos
<i>sonoplastia</i>	lucy brandão
<i>iluminação</i>	gerson natalino
<i>confeção de figurino</i>	edna maria, malu rocha e mariquita campanha
<i>fotografia</i>	eraldo xavier
<i>cartaz</i>	reuder gonçalves
<i>tradução</i>	cecília meireles
<i>música e</i>	
<i>direção musical</i>	sueli costa
<i>assistência de direção</i>	malu rocha
<i>figurinos, cenários e</i>	
<i>direção</i>	josé luiz ribeiro